

NEURODIVERGÊNCIA

O **Programa Integridade em Cena**, com o intuito de estimular uma cultura organizacional saudável a todas as pessoas e o respeito à diversidade, apresenta o boletim **Diversidade em Pauta**. A iniciativa traz referências culturais e artísticas que possam despertar reflexões e incentivar o reconhecimento, o respeito e a valorização das diferenças individuais e coletivas existentes na sociedade e no ambiente de trabalho.

O Dia Mundial da Conscientização sobre o Autismo é celebrado em 2 de abril, e é nesse contexto que a segunda edição do **Diversidade em Pauta** aborda a neurodiversidade, trazendo sugestões de livros, filmes e podcasts criados, em sua quase totalidade, por pessoas neurodivergentes.

▶▶▶ LIVROS



Pág 2 e 3

▶▶▶ FILMES



Pág 4 e 5

▶▶▶ PODCAST



Pág 6

▶▶▶ ACONTECE POR AÍ

Pág 5

▶▶▶ NEURODIVERGÊNCIA NO MinC

Pág 7

▶▶▶ ENTREVISTA

Pág 8 e 9

Neurodiversidade é um conceito que desconstrói a ideia de que pessoas com funcionamento neurocognitivo diverso sejam caracterizadas como portadoras de transtornos ou pessoas doentes. A abordagem sobre a neurodiversidade argumenta que as diversas condições neurológicas são resultado de variações normais no genoma humano.

Neurodivergente é a pessoa que possui uma configuração neurológica atípica – ou seja, diferente do padrão esperado pela sociedade. Além de autistas, enquadram-se na definição de neurodivergentes pessoas com dislexia, transtorno da coordenação motora ou dispraxia, transtorno de déficit

de atenção e hiperatividade (TDAH), déficit de aprendizagem (que dificulta leitura e escrita), síndrome de tourette e até mesmo transtornos psicológicos, como o transtorno dissociativo de identidade.

O termo neurodivergente foi cunhado no movimento da neurodiversidade como um oposto para **neurotípica**, que se refere às pessoas “neurologicamente típicas”, ou seja, pessoas que possuem desenvolvimento neurológico considerado “normal” ou “padrão” pela sociedade.

Fonte: adaptado de <https://www.ecycle.com.br/neurodiversidade/> (acesso em 03/04/2024)

LIVROS



O que é Neurodiversidade?

Tiago Abreu
Brasil, 2022 (68 páginas)
Editora Cânone Editorial

A obra traz o contexto histórico do conceito de neurodiversidade, as repercussões sociais, as críticas e, também, a perspectiva do uso da expressão no Brasil ao longo do tempo. Em texto leve e muito acessível, o autor traz as principais informações sobre o tema de maneira concisa e fluida. “A ideia foi ser um livro introdutório, com um panorama geral sobre o tema e acessível para a maioria das pessoas, mas, ao mesmo tempo, rigoroso e acadêmico”, explica Tiago Abreu.

Tiago Abreu é mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). É *podcaster*, jornalista, escritor e autor de dois livros. Foi diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista em 2015.

LIVROS

Dislexicando

Marina Miyazaki Araujo
Tony de Marco (ilustrações)
Brasil, 2015 (64 páginas)
Editora Pólen

Em *Dislexicando*, Marina Miyazaki Araujo aborda as diversas características das pessoas com dislexia, tanto na escrita como nos exemplos, fugindo da visão tecnicista dos especialistas. O livro tem projeto gráfico e ilustrações de Tony de Marco, que compartilha com a autora os problemas de escrita na infância – e como ela descobriu uma maneira “criativa” de viver. Escrito com os principais erros que costumam ser cometidos pelos disléxicos, o livro desafia o leitor a desvendar os labirintos da mente dessas pessoas.

Marina Miyazaki Araujo é escritora, mãe de cinco e relata que o convívio com as crianças deixou ainda mais evidentes algumas das dificuldades da própria dislexia.



Bipolar, sim. Louca, só quando eu quero

Bia Garbato
Brasil, 2023 (186 páginas)
Editora Matrix

Por meio de histórias para ler, rir e chorar, ela conta como seu pai quis “curar” sua euforia com chá de camomila e que escovar os dentes deprimida é mais difícil do que fazer rapel. Bia também fala de maternidade (sur)real, relacionamentos e como perdeu 30kg encarando de frente a compulsão alimentar. Finalmente, ela explica como descobriu que a bipolaridade não a define e que ela pode ser, sim, muito louca. Mas só quando quiser.

Bia Garbato é escritora, publicitária e palestrante. Através de sua história, ela mostra que questões mentais, como a bipolaridade, não são sinônimo de loucura.

FILMES



Stimados Autistas

Brasil, 2020
Documentário, 55 min.
Direção: Cristiano de Oliveira
Paradoxa

Pessoas adultas autistas diagnosticadas tardiamente falam com outro autista sobre como foi crescer sem o diagnóstico, como foi a busca por profissionais e sobre as adaptações feitas após descobrirem que são autistas.

O caminho para acabar com mitos sobre autismo é ouvir o que os próprios autistas têm a dizer. Como foi feito no nosso documentário: foi produzido por uma pessoa autista, com convidados autistas, e com diversidade de pontos de vista. Com a presença de homens, mulheres, negros e brancos, com diferentes personalidades e necessidades de suporte variados – ressalta o diretor.

Cristiano de Oliveira é fonoaudiólogo formado pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), pós-graduado em audiologia clínica pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Recebeu o diagnóstico de autismo aos 34 anos.

Meu olhar diferente sobre as coisas

Brasil, 2013
Documentário, 68 min
Direção: Gilca Maria Motta da Silveira
ONG Me Ensina

“Meu olhar diferente sobre as coisas” é um documentário de criação coletiva, realizado por um grupo de jovens com Síndrome de Down que participaram de oficinas audiovisuais específicas, ministradas por uma equipe multidisciplinar, onde cada um teve a oportunidade de ser o protagonista de sua história.

Estes jovens foram os sujeitos ativos de todo o processo, trabalhando como autores do roteiro, como entrevistadores, entrevistados e como técnicos de toda a produção audiovisual. Eles falam sobre suas vidas e como a síndrome de Down não os impediu de realizarem seus sonhos de ter filhos, casar, trabalhar entre outras realizações.

Gilca Maria Motta da Silveira é jornalista e publicitária formada pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Desde 2008, dirige a ONG Me Ensina, que tem a missão de promover ações para o desenvolvimento social, ambiental e econômico.



FILMES



Do luto à luta

Brasil, 2004

Documentário, 76min

Direção: Evaldo Mocarzel

Circuito Espaço de Cinema e Casa Azul Produções

Longa-metragem que focaliza as deficiências e potencialidades de pessoas portadoras de Síndrome de Down, mostrando que as soluções para inclusão na sociedade são mais simples do que se imagina. De modo lúcido e lúdico, retrata diversos casos de superação e de inserção no mercado de trabalho.

O documentário foi o grande vencedor do festival Cine PE 2005 nas categorias Melhor Filme, Melhor Documentário, Direção, Fotografia, Montagem, Prêmio da Crítica/Imprensa Especializada e Prêmio Especial do Júri Popular.

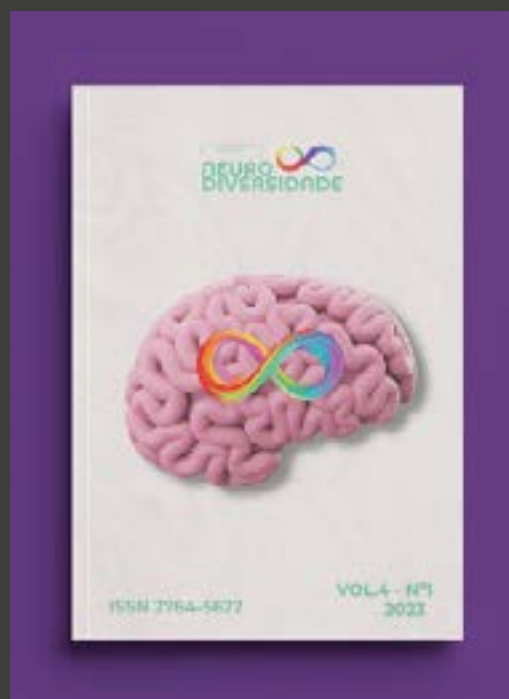
Evaldo Mocarzel é um jornalista e cineasta, formado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), no Rio de Janeiro, em 1982. Trabalhou durante 13 anos no jornal "O Estado de S. Paulo", tendo exercido a função de editor do Caderno 2 durante 8 anos. É pai de Joana Mocarzel, portadora da síndrome de Down que interpretou a menina Clara, na novela Páginas da Vida, de Manoel Carlos.

ACONTECE POR AÍ

Revista Neurodiversidade

A Revista Neurodiversidade é uma revista científica e eletrônica de acesso livre, que tem por objetivo divulgar artigos, resenhas, entrevistas, traduções; produzidas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros em língua portuguesa, inglesa e espanhola. Além de Dossiês Temáticos, com periodicidade e tema previamente definidos; a Revista possui fluxo contínuo para recebimento de artigos e ensaios nas áreas de Arte, Saúde e Educação; permeados por questões envolvendo a Neurodiversidade nas suas mais variadas formas de análise disciplinar, fomentando, assim, o intercâmbio entre pesquisadores de diversas instituições de ensino nacionais e internacionais. Todas as edições anteriores estão disponíveis para *download* gratuito.

Para mais informações, acesse <https://www.institutoneurodiversidade.com/diretrizes-para-autores-as>



PODCAST



Introvertendo: Um podcast onde autistas conversam

Carol Cardoso, Luca Nolasco, Michael Ulian, Paulo Alarcón, Thaís Mösken, Tiago Abreu e Willian Chimura

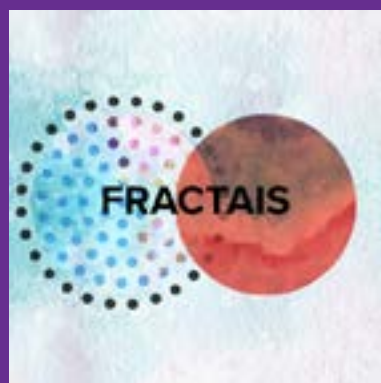
Lançado em 11 de maio de 2018 e encerrado em 22 de setembro de 2023, o Introvertendo cumpriu ao longo de 5 anos exatamente o seu slogan: ser um podcast onde autistas conversam. Formado exclusivamente por autistas, o podcast surgiu a partir de um grupo terapêutico desenvolvido no Saudavelmente, programa da Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, e se estendeu com a participação de outros indivíduos em diferentes estados do Brasil.

Tribo TDAH

Thata Finotto

Primeiro e maior podcast sobre transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) no mundo, se tornou uma extensa comunidade de acolhimento criada por e para pessoas com TDAH. A cada mês é discutido um assunto referente ao TDAH, dividido em dois episódios, com informações verificadas pautadas em estudos científicos comprovados e, também, troca de vivências e experiências.

Thata Finotto é formada em publicidade, propaganda e marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), com segunda formação em jornalismo pela Universidade Anhembi Morumbi. cursou pós-graduação em Semiótica Psicanalítica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Só descobriu seu diagnóstico de TDAH no início da vida adulta.



Fractais

Ale Valverde, Dani Dutra, Felipe Wasserman e Hid Miguel

Constituído por quatro pessoas inquietas, plurais e neurodivergentes; o podcast Fractais propõe-se a discutir os temas e caminhos da vida a partir do autismo, do transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e das altas habilidades.

NEURODIVERGÊNCIA NO MinC

A Cultura Viva é uma política cultural voltada para a valorização da cultura de base comunitária, o reconhecimento e apoio a atividades e processos culturais já desenvolvidos, estimulando a participação social, a colaboração e a gestão compartilhada de políticas públicas no campo da cultura.

Tem o objetivo de promover a articulação destas iniciativas em rede, contribuindo para a inclusão social, o combate ao preconceito e a todas as formas de discriminação e intolerância, o reconhecimento

e a valorização da diversidade cultural brasileira e o pleno exercício dos direitos culturais.

Pontos de Cultura são entidades sem fins lucrativos, grupos ou coletivos com ou sem constituição jurídica, de natureza ou finalidade cultural, que desenvolvam e articulem atividades culturais continuadas em suas comunidades ou territórios, e contam com o apoio do MinC por meio do Programa Cultura Viva.

Conheça alguns Pontos de Cultura com atuação direcionada a pessoas neurodivergentes:



ASSOCIAÇÃO DOWN DE GOIÁS – ASDOWN-GO

Goiânia - Goiás

Criada em 31 de março de 1993, é uma entidade sem fins lucrativos de abrangência estadual, de caráter social, educativo, científico e cultural, que congrega pais e familiares de pessoas com a síndrome de Down, com a finalidade de combater preconceitos relativos à aceitação da pessoa com síndrome de Down, conquistar seus direitos e promover a busca incessante de medidas visando o seu desenvolvimento, bem como a sua integração à sociedade e o apoio às famílias.

GRUPO DE TEATRO DOWN ENTRE AMIGOS

Marília - São Paulo

O grupo é uma iniciativa inspiradora composta por 18 atores com síndrome de Down. Há sete anos, esses artistas se uniram, utilizando o teatro como uma ferramenta poderosa para tornar suas vidas mais leves e amorosas. O foco principal do grupo está na expressão artística, na criação de vínculos e no desenvolvimento pessoal através da arte cênica.

Grupo de Teatro Down entre Amigos



INSTITUTO DOMLEXIA

Florianópolis - Santa Catarina

O Instituto Domlexia é uma iniciativa sem fins lucrativos, com

foco nas pessoas com dislexia, discalculia, disgrafia ou transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH). A instituição atua em três pilares: educação, valorização e empregabilidade. Uma das iniciativas do instituto é a Mostra Dislexia quando Arte.

ENTREVISTA



Franciana Von Wurmb é servidora do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e, desde abril de 2023, está à frente da Coordenação de Suporte e Atendimento ao Usuário na Subsecretaria de Tecnologia da Informação e Inovação do MinC.

Diversidade em pauta: Conta um pouco de você, da tua trajetória

Franciana Von Wurmb: Olá, eu me chamo Franciana, tenho 40 anos, sou autista com altas habilidades/superdotação, feminista, alinhada politicamente à esquerda e ativista pela descriminalização da maconha. Trabalho com tecnologia da informação há 12 anos. Iniciei minha atuação no Hospital de Clínicas de Porto Alegre onde atuei no setor administrativo de internação durante 5 anos e, através de um concurso interno, passei a atuar na Coordenação de Gestão de Tecnologia da Informação, fazendo parte da equipe de Supervisão de Ativos de Tecnologia por 11 anos, quando fui requisitada para atuar como Coordenadora de Suporte e Atendimento ao Usuário no MinC até o presente momento. A minha trajetória pessoal de saúde inicia ainda na infância, com sintomas e comportamentos "inexplicáveis" para a medicina moderna ocidental. Consultei com centenas (não é força de expressão) de médicos ao longo da vida, fiz

psicoterapia durante anos, também, sem obter um diagnóstico. Sofria com dores neuropáticas extremas e, a partir de 2016, a minha saúde teve um declínio progressivo muito rápido, culminando com um afastamento das atividades profissionais em 2018, por dois anos. Isso se deu em grande parte pelo grande número de medicamentos alopáticos prescritos e a falta de um diagnóstico. Atualmente, olhando em retrospectiva, percebo que essa falta de diagnóstico não vem de uma incompetência técnica generalizada da medicina, mas muito do machismo enraizado, ainda profundamente em nossa sociedade. A imensa maioria dos estudos sobre autismo considera nas suas amostras de voluntários apenas homens. Durante muito tempo acreditou-se que essa neurodiversidade seria quase que exclusivamente masculina, o que hoje é sabido não ser verdade. Atualmente, a ciência começa a entender as tantas diferenças de gênero que existem na manifestação de autismo.

Vamos ao diagnóstico: durante este período de afastamento das atividades profissionais, não obtive melhora significativa dos sintomas mesmo com acompanhamento de médicos clínicos, neurologistas, equipe de cuidados paliativos da dor, fisioterapia, quiropraxia, osteopatia, entre outros. Foi neste momento que cheguei a utilizar 14 medicações por dia, sendo 4 opióides. Cheguei então na dose segura máxima de opióides e o prazo seguro que fica em torno de 20 dias extrapolou um ano. Utilizava muitas medicações que sabidamente são contraindicadas para pessoas autistas e comecei a perceber um declínio cognitivo, quando sob efeito desses medicamentos, e tomei a decisão de começar novamente a estudar sobre um possível tratamento para os meus sintomas enquanto ainda me restava alguma capacidade mental. Foi neste contexto que encontrei os primeiros estudos sobre o tratamento com maconha para dores consideradas intratáveis pela medicina moderna ocidental. Comecei então uma busca por um médico especialista em medicina canabinóide e encontrei o Dr Paulo Bittencourt, que é neurologista e pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina. Saí de Porto Alegre para consultar com ele em Florianópolis e essa foi a decisão mais acertada de toda a minha vida. Dr. Paulo me propôs um plano terapêutico bastante ambicioso e disruptivo, que eu prontamente aceitei, afinal não me restavam alternativas. O plano consistia em iniciar o uso de óleo de Cannabis integral com alto índice de THC e, gradualmente, retirar todos os outros medicamentos que, segundo ele, eram a principal causa dos meus sintomas.

ENTREVISTA

Iniciei o tratamento com maconha ainda bastante incrédula que um óleo extraído artesanalmente de uma planta poderia substituir com muita vantagem toda aquela farmacopéia. Já nos primeiros dias, eu senti uma melhora tão grande que era difícil de acreditar, mesmo vivendo dia a dia. Fizemos acompanhamentos a cada duas semanas e, quando já não utilizava nenhuma outra medicação combinamos que eu retornaria em 6 meses e que eu tinha a "tarefa" de anotar todas as mudanças que eu percebesse. Quando voltamos a nos encontrar, levei a minha listinha de sintomas que havia notado melhora. O mais evidente era a dor, mas havia outros como sensibilidade auditiva, sensibilidade à luz, irritabilidade, seletividade alimentar, insônia, etc. Mal sabia eu que estava descrevendo os sintomas do autismo e foi assim que iniciou o processo diagnóstico para autismo que é longo e envolve também avaliações neuropsicológicas. Obtive o meu diagnóstico definitivo aos 38 anos. Mesmo tardio, o diagnóstico foi libertador. Foi possível ressignificar toda a minha vida sob a perspectiva do diagnóstico e ainda estou neste processo.

Conto essa história para chamar a atenção para um aspecto da neurodiversidade pouco explorado: a neurodiversidade permeia a questão de gênero, a insana guerra às drogas, questões sociais e muitas outras. As mulheres são subdiagnosticadas quando em comparação aos homens. Se não fosse a absurda proibição de uma planta (capaz de tratar inúmeras patologias e que traz consigo substâncias quase idênticas àquelas que todos nós produzimos desde a concepção até a morte dentro dos nossos organismos), muitos autistas poderiam ter uma qualidade de vida muito melhor e sem lidar com os terríveis efeitos colaterais dos medicamentos "tradicionais". Além disso, a proibição traz também a questão de recorte social e de raça, pois os medicamentos têm custo proibitivo e eu mesma, atualmente, não consigo arcar com o tratamento completo. Em um ambiente onde a planta não fosse criminalizada, eu poderia simplesmente plantar e produzir em casa o meu remédio. A maconha salvou a minha vida, poderia salvar de tantas outras pessoas e eu lutarei enquanto for preciso pela libertação desta planta sagrada, medicinal e ancestral.

Diversidade em pauta: Qual a sua relação com o MinC, há quando tempo você trabalha aqui, qual a sua área de atuação?

Franciana Von Wurmb: Eu atuo na Coordenação de Suporte e Atendimento ao Usuário da Subsecretaria de Tecnologia da Informação e Inovação e uma das

coincidências da vida é que agora, em abril, no mês da neurodiversidade, completo um ano aqui no MinC. Estou muito feliz com este novo desafio profissional.

Diversidade em pauta: Quais são os principais desafios profissionais que você tem encontrado?

Franciana Von Wurmb: A Tecnologia da Informação sempre foi uma das minhas paixões (ou hiperfoco) e atuar nessa área me traz muita satisfação, especialmente fazendo parte da recriação do MinC. Aqui no MinC, sem dúvidas, é um dos ambientes mais inclusivos e acolhedores em que eu já estive. Fui recebida na STII de maneira muito amorosa e inclusiva. Claro que ao longo da minha trajetória profissional tive que lidar com o machismo e após o diagnóstico com o capacitismo, em muitos momentos. Ainda ouço frases capacitistas advindas da falta de conhecimento a respeito de neurodiversidades. Alguns exemplos são: "Você não tem cara de autista", "Como você pode ser autista se é inteligente", "Autista?" Mas você é bonita", "Você não parece autista", "Ué? Mas não existe mulher autista", "Existe autismo em adultos?". Percebem como a maioria delas trazem consigo um "elogio" para invalidar um diagnóstico que faz parte de quem eu sou? Autismo não tem cara e nem tem um fenótipo específico, trata-se de um "modelo diferente" de cérebro. O déficit cognitivo está presente em alguns casos de autismo, mas não em todos. Existe autismo em mulheres e ele se manifesta de formas um pouco diferentes da manifestação masculina. E, sim, autistas crescem e continuam autistas na idade adulta.

Diversidade em pauta: Quais as tuas sugestões para que o MinC tenha um ambiente mais inclusivo?

Franciana Von Wurmb: Eu acho que a principal sugestão que eu poderia dar já está sendo feita: dar voz a toda a imensidão de diversidades que temos dentro do MinC. Talvez algumas pequenas mudanças pudessem trazer mais conforto aos neurodivergentes em relação ao transtorno do processamento sensorial: barulhos muito altos, muito agudos, cacofonia, motores e luzes brancas intensas, via de regra, causam dor física nas pessoas com hipersensibilidade sensorial. É por isso que as crianças autistas são frequentemente vistas tapando os ouvidos e olhos e muitas vezes gritando. Na fase adulta já aprendemos que este não é um comportamento aceitável socialmente e essa é uma das faces do famoso "masking" ou mascaramento do autismo presente em todos nós autistas adultos.



@augustomangussi/instagram/reprodução

Pintor desde 2017, Augusto Mangussi, de 16 anos — diagnosticado com autismo aos 18 meses —, tem no currículo mais de 200 obras e sete exposições, duas delas nos Estados Unidos.

Ficha Técnica

Ministra de Estado da Cultura
Margareth Menezes

Chefe da Assessoria Especial de Controle Interno
Ana Vitoria Piaggio

Chefe da Divisão de Integridade
Isabella dos Anjos Bezerra Batista

Boletim “Diversidade em Cena”, edição nº 2, 2024

Concepção e Curadoria: **Ana Vitoria Piaggio**

Colaboração: **Secretaria de Cidadania e
Diversidade Cultural/MinC**

Revisão: **Denise Motta/ASCOM/MinC**

Diagramação: **Tamires Melo/ASCOM/MinC**